

**Gatunos e larápios no jornal A Tarde de 1914: a representação do agente de crimes de apropriação nas colunas policiais da Bahia no início do século XX**

**Thieves and Robbers in the newspaper A Tarde of 1914: the representation of the perpetrator of appropriation crimes in the police columns of Bahia at the beginning of the 20th century**

**Ladrones y asaltantes en el periódico A Tarde en 1914: la representación del autor de crímenes de apropiación en las columnas policiales de Bahía a principios del siglo XX**

Liviane Gomes Ataíde Santana

<https://orcid.org/0000-0003-0580-1862>

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Priscilla Barbosa de Oliveira Melo

<https://orcid.org/0000-0001-5748-3259>

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

**Resumo**

Propomos, por meio do presente artigo, uma discussão acerca do modo da construção discursiva da imagem do agente do roubo em notícias das colunas policiais do jornal A Tarde, que foi veiculado nos meses de junho, julho e agosto do ano de 1914. A teoria seguida por nós para a realização deste trabalho foi a Análise de Discurso de Michel Pêcheux, em que buscamos, desta forma, analisar as condições de produção e a ideologia às quais foram submetidas as referidas notícias. Para tanto, nós recorremos a autores que versam sobre a Análise do Discurso de linha francesa e sobre as questões inerentes ao discurso jornalístico, a fim de investigarmos a relação existente entre língua, ideologia e história, no que tange ao nosso *corpus* constituído, mencionado anteriormente, para a fundamentação teórica do nosso trabalho. Diante das descobertas a partir do estudo empreendido, pudemos concluir que as colunas policiais do jornal A Tarde de 1914 construíam discursivamente a imagem do agente do roubo de maneira estigmatizada, refletindo e até reforçando ideologias

de punição e de classe da sociedade baiana do início do século XX, através de escolhas lexicais, ironias e juízos de valor que influenciavam a percepção do leitor.

Palavras-chave: Análise do discurso, Coluna policial, Agente do roubo.

#### Abstract

We propose, through this article, a discussion about the discursive construction of the image of the robbery agent in news from the police columns of the newspaper *A Tarde*, which was published in the months of June, July and August of 1914. The theory we followed to carry out this work was Michel Pêcheux's Discourse Analysis, seeking, in this way, to analyze the conditions of production and the ideology to which the aforementioned news is subjected. To this end, we turned to authors who discuss French-style Discourse Analysis and issues inherent to journalistic discourse, in order to investigate the relationship between language, ideology, and history, with regard to our *corpus*, as previously mentioned, for the theoretical foundation of our work. Based on the findings from the study undertaken, we were able to conclude that the police columns of the newspaper *A Tarde* in 1914 discursively constructed a stigmatized image of the perpetrator of the robbery, reflecting and even reinforcing ideologies of punishment and class in early 20th-century Bahian society, through lexical choices, irony, and value judgments that influenced the reader's perception.

Keywords: Discourse analysis, Police column, Robbery agent.

#### Resumen

En este artículo, proponemos una discusión sobre la construcción discursiva de la imagen del autor del robo en las noticias de las columnas policiales del periódico *A Tarde*, publicadas en junio, julio y agosto de 1914. La teoría que seguimos para este trabajo fue el Análisis del Discurso de Michel Pêcheux, buscando analizar las condiciones de producción y la ideología a la que se sometieron estas noticias. Para ello, consultamos a autores que discuten el Análisis del Discurso a la francesa y cuestiones inherentes al discurso periodístico, con el fin de investigar la relación entre lenguaje, ideología e historia, en relación con nuestro corpus, como se mencionó previamente, para la fundamentación teórica de nuestro trabajo. A partir de los hallazgos de este estudio, pudimos concluir que las columnas policiales del periódico *A Tarde* de 1914 construyeron discursivamente una imagen estigmatizada del ladrón, reflejando e incluso reforzando ideologías de castigo y de clase en la sociedad bahiana de principios del siglo XX, a través de elecciones léxicas, ironía y juicios de valor que influenciaron la percepción del lector.

Palabras clave: Análisis del discurso, Columna policial, Agente de robos.

## 1 Palavras iniciais

Objetivamos discutir, a partir deste trabalho, em relação às ideias teórico-metodológicas da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, mais precisamente, aquela de base pecheutiana, sobre as formações discursivas (FD) do sujeito agente de crimes, conforme citado nas notícias jornalísticas das colunas policiais do jornal *A Tarde* que circulou nos meses de junho, julho e agosto do ano de 1914. Para tanto, foram escolhidas duas notícias correspondentes a cada um dos referidos meses e, deste modo, temos uma visão mais ampla de como eram escritas as notícias desse período, quais eram as suas características, bem como quais eram os temas que eram abordados.

A respeito do jornal *A tarde*, hoje com 113 anos de existência, o mesmo teve sua primeira sede na Ladeira da Preguiça, sua segunda sede no bairro do Comércio e, finalmente, estabeleceu-se na Praça Castro Alves, em Salvador, na Bahia. Fundado por Ernesto Simões

Filho, político e jornalista, nascido em Cachoeira, em 4 de outubro de 1886, suas publicações tiveram início em 15 de outubro de 1912<sup>1</sup>.

Sendo assim, o surgimento do jornal A Tarde foi em 1912, ou seja, no começo da segunda década do século XX, época em que teve início a história da Imprensa Oficial do Governo do Estado da Bahia e em que os jornais eram impressos por meio da conhecida máquina do período chamada de linotipo. De acordo com Altman (2022, [s.p.], grifos do autor), a linotipo “[...] dava melhor desempenho na composição acelerada de **jornais.**” Nunes (2010, p. 47) comenta sobre esta máquina tão importante para o progresso da imprensa à época, caracterizando-a:

*Linotipo é uma máquina inventada por Ottmar Mergenthaler em 1890, na Alemanha, que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever. As matrizes que compõem a linha-bloco descem do magazine onde ficam armazenadas e, por ação do distribuidor, a ele voltam, depois de usadas, para aguardar nova utilização. As três partes distintas – composição, fundição e teclado - ficam unidos em uma mesma máquina. (Nunes, 2010, p. 47, grifo das autoras)*

E assim, com o auxílio da máquina linotipo, as notícias iam sendo impressas e propagadas pelo estado da Bahia. Destacamos, na sequência, a título de ilustração, a imagem de uma linotipo:

**Figura 1 – Linotipo**



**Fonte:** <https://www.istockphoto.com/br/fotos/maquina-de-linotipo>. Acesso em: 05 abr 2025.

Deste modo, percebemos, com a pesquisa e a análise realizadas, que, dada a temporalidade dos fatos, as notícias costumavam ser transmitidas ao público-leitor em tempo

<sup>1</sup> Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/a-tarde-112-anos-periodico-esta-inserido-na-vida-da-populacao-baiana-1291325#:~:text=O%20Jornal%20A%20TARDE%20nasceu%20em%2015%20de,o%20sonho%20se%20concretizou%20mesmo%20aos%2026%20anos>. Acesso em 20 out. 2025.

hábil, mesmo com a inexistência da tecnologia atual. O que se pôde depreender foi que a imprensa era carente de notícias e, no que dizia respeito aos acontecimentos de crimes, assunto escolhido como foco deste trabalho, para a sociedade como um todo, não se levava em consideração o grau de importância do objeto roubado, pois os fatos eram sempre noticiados, a fim de preencher as páginas do jornal.

Há ainda que se pontuar que, no início do século passado, uma grande parcela da população baiana não sabia ler. De acordo com o Mapa do Analfabetismo no Brasil do INEP, essa porcentagem era de 65,3% no início dos anos 1900. Segundo o referido instituto, o analfabetismo na região nordeste girava em torno de 24%, a maior porcentagem brasileira até início dos anos 2000. Ou seja, a população baiana que acessava as notícias que foram analisadas neste artigo, provavelmente, tinha acesso à escola, portanto, tratava-se de um público leitor um pouco mais privilegiado.

Buscando compreender quem provavelmente era a maioria desse público leitor, há que se mencionar ainda que no início dos anos 1900, trazendo os estudos de Dick (2020), ao pesquisar sobre a expansão do ensino secundário da Bahia, ela nos aponta que “[...] o Ensino Secundário baiano contava com o Liceu Provincial na Capital, que em 1895 passou a chamar-se Ginásio da Bahia, e com a Reforma Capanema, de 1942, Colégio da Bahia, permanecendo como o único estabelecimento em Salvador até 1947.” (Dick, 2020, p. 310). A referida instituição de ensino secundário da qual Dick discorre, ainda existe atualmente, e esta instituição é nomeada de Colégio Estadual da Bahia ou Colégio Central da Bahia, antigo Ginásio da Bahia. Segundo Lima (2003, p. 39), este colégio começou a funcionar em 1903 e tem endereço desde então na Praça Carneiro Ribeiro, na Avenida Joana Angélica, em Salvador, na Bahia.

Retornando a Dick (2020), a mesma ainda coloca que em 1909, ano próximo do surgimento do jornal A Tarde, as matrículas no único estabelecimento escolar secundário da Bahia eram respectivamente a relação de 284 homens para somente 44 mulheres. A autora registra ainda que em 1918, poucos anos após o início do funcionamento do jornal A Tarde, as matrículas de homens eram um total de 198, enquanto as matrículas do sexo feminino eram de somente 10 mulheres. Ou seja, de acordo com os dados apresentados, podemos concluir que o público leitor do jornal A Tarde era majoritariamente masculino e tinha uma condição financeira caracterizada como mediana a alta, pois sabiam ler e, deste modo, haviam frequentado a escola.

Dito isto, os jornais aos quais tivemos acesso foram disponibilizados para pesquisa *in loco* pela Biblioteca Central do Estado da Bahia, anteriormente denominada Biblioteca Pública do Estado da Bahia, também conhecida como Biblioteca dos Barris. Vale destacar que na época os jornais eram impressos em preto e branco, conforme ilustramos a seguir com uma imagem da capa, dada a tecnologia disponível no período.

**Figura 2** – Capa do Jornal A TARDE de 06 de junho de 1914.



**Fonte:** Jornal A Tarde, Número 500, 06/06/1914, Sabbado

Tendo em vista o foco deste trabalho, para esse agente de crimes, havia várias designações. Algumas que diziam respeito ao sujeito que toma a coisa alheia sem uso de violência, outras que se referiam ao sujeito que age com violência para alcançar os seus objetivos, e ainda outras que correspondiam ao sujeito que ataca de súbito para roubar. A coluna policial (*corpus* desta análise) das notícias locais era sempre intitulada “Na polícia e nas ruas”, já as notícias do Brasil e do mundo costumavam estar organizadas em uma seção chamada “Telegrammas”, posto que as notícias exteriores à Bahia chegassem realmente por meio de telegramas. A seguir, apresentamos as imagens correspondentes às partes do jornal onde se encontravam as notícias das colunas policiais:

**Figura 3** – Coluna Policial de notícias locais – Jornal A TARDE de 1914.



Fonte: Jornal A Tarde, Número 572, 31/08/1914, Segunda-feira.

Figura 4 – Coluna Telegramas com notícias de outros estados e países –  
Jornal A TARDE de 1914.



Fonte: Jornal A Tarde, Número 496, 02/06/1914, Terça-feira.

No presente artigo, a fundamentação teórica, o *corpus* e os resultados da nossa pesquisa foram organizados e estruturados da seguinte forma: a *primeira parte*, esta que é intitulada Palavras Iniciais, onde apresentamos a introdução do trabalho; a *segunda parte*, sendo constituída de um arcabouço teórico, onde tecemos as considerações iniciais acerca de aspectos inerentes à Análise do Discurso de linha francesa; a *terceira parte*, com informações sobre as notícias jornalistas, caracterizando-as como propagadoras de discursos e ideologias; a *quarta parte*, com a análise dos dados, ou seja, das notícias jornalísticas selecionadas no jornal A Tarde dos meses de junho a agosto de 1914; e a *quinta e última parte*, com as palavras finais em torno da pesquisa empreendida, seguida das referências utilizadas para a fundamentação teórica deste escrito acadêmico do campo da Análise do Discurso.

## 2 Discurso, Ideologia e Formações Discursivas: reflexões a partir da Análise do Discurso de Linha Francesa

O discurso, principal objeto de estudo da Análise de Discurso, doravante AD, busca compreender o sentido da língua, concebendo a linguagem como uma mediação fundamental entre o homem e a realidade natural e social à qual ele pertence. As condições de produção da linguagem são consideradas para se estabelecer os sentidos que são gerados pelos sujeitos ou membros de uma determinada forma de sociedade. E é, pois, através do discurso que se pode observar a relação existente entre língua e ideologia compreendendo a constituição da formação ideológica do sujeito e suas formações discursivas. Assim sendo, como afirma Lucena (2017, p. 135), “Conforme os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Dessa forma, o sujeito é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia.”

Sobre as condições de produção do discurso, Orlandi (2005, p. 30) vem afirmar que elas “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso.” De modo estrito, a autora informa que as condições de produção se referem ao contexto imediato, ou seja, aos elementos que precedem o discurso imediatamente, mas, de modo amplo, são envolvidos o contexto sócio-histórico e ideológico. E por citar a memória, esta pode ser afetada pela não lembrança compreendendo formulações feitas e já esquecidas e que influenciam e determinam o que se diz. É a existência dos já-ditos, ou do que se pode chamar de interdiscurso. Pêcheux (1997, p. 314), por sua vez, destaca que

A noção de *interdiscurso* é introduzida para designar “o exterior específico” de uma FD<sup>2</sup> enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um “além” exterior e interior. (Pêcheux, 1997, p. 314, grifo do autor)

Destarte, as formações discursivas estão entrelaçadas, desde que pertencentes à mesma formação ideológica, e o sujeito do discurso é assujeitado à maquinaria da formação discursiva com a qual ele se identifica, aquela que vai justamente determinar tudo aquilo que ele pode e deve dizer, dependendo do papel que ele desempenha.

---

<sup>2</sup> Formação Discursiva

Na visão de Pêcheux (1996), o indivíduo é sempre interpelado por uma ideologia que determina os seus padrões de comportamento em relação às várias posições que ele ocupa na sociedade. Como afirma Henry (1997, p. 30, grifo do autor), “É enquanto sujeito que qualquer pessoa é ‘interpelada’ a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. [...] todo sujeito humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito.” Trata-se de ideais históricos pré-determinados para os sujeitos. Entretanto, as questões históricas e ideológicas fazem parte do estudo da linguagem e contribuem para a compreensão da formação ideológica e das formações discursivas do sujeito. Para tanto, Orlandi (2005, p. 46) considera que

[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.

[...]

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados [...]. (Orlandi, 2005, p.46)

Em suma, a língua é o meio pelo qual o sujeito se mantém interligado ao discurso, a uma ideologia e a uma história, e que lhe permite a produção dos sentidos.

Sobre a formação discursiva, estando inserida em uma formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito pelo sujeito de acordo com a ideologia à qual ele está interpelado. Orlandi (2005, p. 43 e 44) expõe dois pontos importantes acerca de formação discursiva, a saber:

A. O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. [...]

B. É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. (Orlandi, 2005, p. 43 e 44)

Exemplificando através da palavra que corresponde ao campo de análise aqui proposto, isto é, “roubo”, é correto afirmar que esta mesma palavra possa adquirir sentido diferente daquele atribuído ao fato de se tomar o objeto alheio móvel com ou sem uso de



violência, implicando assim, numa infração perante o código penal brasileiro. Pois, roubo pode significar a tomada de alguma coisa, até mesmo abstrações, sem que resulte em atitudes infratoras.

### 3 Notícias jornalísticas: propagadoras de discursos e ideologias

Sobre o discurso jornalístico, Marques (2008) afirma que ele é

[...] sobretudo o relato dos acontecimentos que tiveram lugar recentemente, relato que é produzido como notícia e que circula regularmente no nosso dia a dia através dos diferentes dispositivos da informação. É, por isso, o resultado de um processo social de construção da realidade, definido por certas condições factuais, regras e convenções narrativas que vão desde as regras sintáticas e semânticas até as normas ético-pragmáticas do falar. São estas regras e convenções que funcionam como estruturas do discurso jornalístico e que constituem os pressupostos de um contrato de leitura entre o jornalista e o leitor. (Marques, 2008, p. 2)

Então, podemos afirmar, corroborando a ideia de Apolinário (2022, p. 1), que o jornalismo é “[...] um lugar por onde passam discursos e dizeres.” As regras e convenções que constituem as estruturas do discurso jornalístico perpassam as práticas, os ritos, os modos de se fazer e de se comunicar, tudo isto contribuindo para a caracterização do discurso jornalístico como uma prática discursiva, como bem acentua também Apolinário (2022).

As notícias jornalísticas nem sempre alegram, divertem ou promovem a criatividade ou a paz. Às vezes, elas revelam cenas tristes envolvendo indivíduos dos mais variados níveis sociais, que podem sair ilesos, ou então carregarem marcas de acontecimentos desagradáveis, ou até mesmo virem a ser dizimados. É possível exemplificar isso com as notícias sobre roubo, comumente informadas pelos jornais de natureza escrita ou falada, pois são ocorrências frequentes na sociedade brasileira, e podem ou não envolver a violência.

As notícias jornalísticas são propagadoras de discursos e ideologias, já que, por meio das escolhas lexicais, são formadas por conjuntos de enunciados organizados através da linguagem de forma a influir no raciocínio e até mesmo no sentimento do ouvinte ou leitor, produzindo, dessa forma, sentidos. Uma vez que os sentidos são gerados, ocorre, então, a propagação discursiva. É importante salientar que também as notícias são submetidas a uma ideologia, a qual compreende aspectos históricos e sociais, sendo passível de mudanças nos enunciados, os quais podem se tornar outros ao longo do tempo, mesmo referindo-se às mesmas formações discursivas dos sujeitos responsáveis pela propagação das notícias. As notícias jornalísticas escritas, comumente são submetidas a um processo de leitura, descrição

e interpretação dos fatos narrados. À vista disso, vale citar uma das afirmações de Pêcheux (2006), quando ele diz que

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (Pêcheux, 2006, p. 53)

Compreendemos, pois, que a notícia jornalística é um instrumento midiático que atinge um grande público-leitor, objetivando a divulgação de informações. Através desse discurso jornalístico se associam sujeitos à ideologia que lhes rodeia, e este mesmo discurso contribui para a construção da imagem de sujeitos vários, dependendo do tipo de fato que é noticiado. Um exemplo propício é a construção da imagem do agente de crimes, conforme proposto nesta análise. Em se tratando das notícias jornalísticas, especificamente sobre roubos, configuram-se como discursos narrativos, uma vez que situam acontecimentos, dão sentido à ocorrência de fatos e revelam os agentes envolvidos nos mesmos.

Nesse sentido, Cyrre (2013, p. 42) apresenta a ideia de que “O texto de jornal é um objeto linguístico-histórico e que organiza, em sua discursividade, a ordem da língua e a ordem das coisas: a sua materialidade, segundo a teoria da Análise do Discurso francesa.” De fato, esta materialidade revelada no texto jornalístico é ordenada linguisticamente e busca produzir sentidos para a comunidade que se constitui como seu público-alvo. A autora ainda faz importantes observações acerca desta produção de sentidos e suas possíveis consequências:

[...] estudar o texto/discurso de jornal significa compreender não só como o texto produz sentido, mas para qual sociedade historicamente determinada produz sentido. Já que a mídia - enquanto detentora do poder de fazer-saber - é capaz de revelar a produção de uma mercadoria para um público determinado, pode direcionar esse produto-mercadoria para produzir ou reforçar mensagens ideológicas e, com isso, desqualificar os sujeitos do acontecimento noticiado, ou mesmo vir a enaltecê-los. Isso implica compreender tanto como os sentidos estão no texto/discurso quanto como ele pode ser lido. (Cyrre, 2013, p. 42-43)

No caso do presente artigo, o mesmo permite ao leitor do século XXI perceber como se constituíam os discursos e as ideologias do início do século XX a respeito do roubo, bem como a respeito dos envolvidos, sobretudo, com relação ao agente de crimes. Igualmente, o leitor se torna capaz de apreender como a sociedade daquela época, adepta de determinadas ideologias, deixava transparecer seus modos de pensar. Isso só é possível hoje graças ao

jornal baiano de 1914 que, através do uso da linguagem jornalística, registrou as notícias a serem analisadas a seguir.

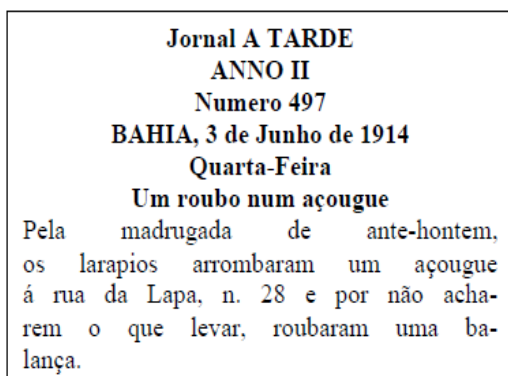
#### 4 Linguagem, Ideologia e Criminalidade: Análise Discursiva das notícias das colunas policiais do Jornal A Tarde de 1914

De acordo com Orlandi (2005, p. 11), “A prática de leitura proposta por Pêcheux, que constitui propriamente a Análise do Discurso, expõe o olhar leitor à opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz”. Sendo assim, por meio da Análise do Discurso, temos um extenso leque de possibilidades de análise de dados, posto que ao analisar o texto como um todo, levamos em conta as condições de produção e as interpelações ideológicas as quais os sujeitos recebem.

Assim, selecionamos seis notícias de roubo oriundas do ano de 1914. Essa amostragem se justifica pelo fato de que não existem delimitações rígidas para a constituição de um *corpus*, o qual pode abranger múltiplas naturezas de linguagem, tais como textos escritos, produções orais, imagens, canções e, inclusive, o silenciamento.

Deste modo, tendo em vista que não há regras fixas para a extensão ou formato de *corpora* em pesquisas linguísticas, as notícias de roubo que foram selecionadas e colocadas a seguir são provenientes das colunas policiais do jornal A Tarde dos meses de junho, julho e agosto de 1914. Nessa época, o que se pôde depreender é que dentro das páginas policiais, eram noticiadas informações sobre roubo de quaisquer objetos, independente da valia financeira dos mesmos, porém, eram informações que retratavam a sociedade da época, os costumes e a cultura de um povo. Logo, tanto os roubos desimportantes como os roubos mais graves eram noticiados, revelando assim que o sentido do roubo em geral não estava atrelado ao seu grau de importância, mas sim ao simples fato do mesmo acontecer. Vejamos a primeira notícia:

Transcrição de notícia do dia 03 de junho de 1914 do Jornal A Tarde – Ano II – Nº 497



Sobre esta notícia de número 497 de 3 de junho de 1914, os agentes de crimes são nomeados com o substantivo “larápios” que, de acordo com o dicionário *on line* Priberam,<sup>3</sup> é um sinônimo para “pessoa que rouba, furta”. Entretanto, notamos que no mesmo verbete consultado, o substantivo aparece com a classificação de palavra informal. Ou seja, refere-se ao agente de crimes sem qualquer formalidade, apesar de se tratar de um texto jornalístico de grande alcance, o qual, normalmente, apresentaria linguagem formal. Deste modo, conduz o leitor a sequer considerar o agente de crimes como cidadão, uma vez que, no ordenamento jurídico, apesar de o agente de crimes sofrer alterações no exercício de seus direitos, o cometimento de um crime não anula a condição de cidadão de um indivíduo. Sob a ótica da Análise do Discurso francesa, essa escolha lexical não é neutra. Como aponta Pêcheux (1997), as palavras extraem seu sentido da Formação Discursiva em que são produzidas. No caso do periódico, a informalidade do vocábulo “laráprio” funciona como um mecanismo ideológico para destituir o sujeito de sua subjetividade civil, posicionando-o fora do espaço social legítimo.

Acrescentamos, ainda, a existência da palavra “laráprio”, também no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Figueiredo (1913, p. 1157), em que o dicionarista a apresenta como um termo popular definido como “Gatuno; aquelle que tem o hábito de furtar.” Ou seja, observamos que não houve mudança de significado do termo com o passar dos anos, de modo que não incorremos em anacronismo histórico. Contudo, conforme ensina Orlandi (2001), embora o dicionário tente estabilizar e fixar os sentidos das palavras, é no funcionamento do discurso histórico que a significação ganha força política. Assim, o sentido de ‘laráprio’ em 1914 não se restringe à definição lexicográfica, mas produz um efeito de sentido de periculosidade e exclusão.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/lar%C3%A1pio>. Acesso em: 12 abr. 2024.

A notícia relata ainda que o roubo ocorreu de madrugada, portanto, aparentemente sem testemunhas. Ao não encontrarem objetos de maior valor, os infratores levaram uma balança, o que demonstra o caráter oportunista da ação. Assim, demonstra que, mesmo sem motivo, os agentes de crimes persistem em realizar o roubo e, conseqüentemente, lesar a sociedade. Fica claro, pela leitura do periódico, que esses sujeitos eram marginalizados pelo discurso social da época. É possível afirmar que, em comparação com a atualidade, a honestidade e o respeito mútuo ao bem particular e coletivo continuam sendo valores fundamentais para a convivência na sociedade moderna.

Seguimos para a segunda notícia, oriunda do mesmo mês de junho de 1914:

Transcrição de notícia do dia 20 de junho de 1914 do Jornal A Tarde – Ano II – Nº 512

**Jornal A TARDE**  
**ANNO II**  
**Numero 512**  
**BAHIA, 20 de Junho de 1914**  
**Sabbado**  
**Um armazem assaltado por**  
**gatunos**

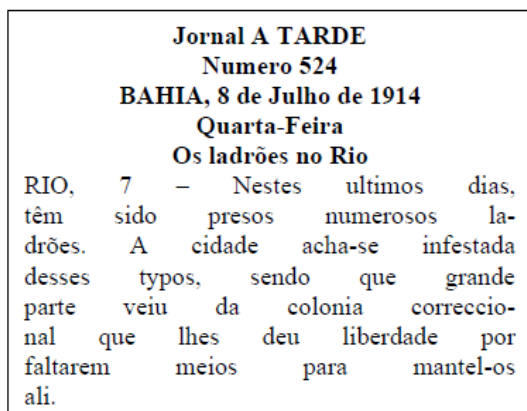
RIO, 19 – Esta madrugada, os  
 gatunos assaltaram um armazem  
 á rua Elias da Silva.  
 Os empregados, que dormiam  
 ali, tentaram reagir, sendo es-  
 bordoados. Um deles recebeu um  
 tiro, ficando bastante ferido.

A notícia de número 512, de 20 de junho de 1914, mais uma vez retrata a imagem do típico agente de crimes que comumente desempenha seu papel nos supostos horários em que suas desejadas vítimas estejam recolhidas, justamente durante a calada da noite, quando vigora a paz do silêncio. Sob a perspectiva de Eni Orlandi (2007), o silêncio aqui ultrapassa a dimensão física e atua como um silêncio político e fundador: a calada da noite é o cenário discursivo perfeito onde a ausência de testemunhas e a vulnerabilidade da vítima significam o perigo iminente. A notícia traduz um sujeito que ataca de súbito e que utiliza da violência, quando suas vítimas optam por reagir. Sendo assim, é um sujeito caracterizado pela imagem da crueldade, da insensibilidade, da invasão da privacidade comercial e/ou domiciliar. **Esse modo de significar o infrator revela o funcionamento do interdiscurso e da memória discursiva (Pêcheux, 1997), demonstrando que a formulação do “criminoso cruel e traiçoeiro” resgata sentidos que já estavam dados na história.** Isso explica por que a

construção, guardadas as proporções temporais, adequa-se corretamente à formação discursiva atual sobre a criminalidade urbana.

A seguir, a terceira notícia, agora do mês de julho de 1914:

Transcrição de notícia do dia 08 de julho de 1914, do Jornal A Tarde – Nº 524



A notícia, cujo número é 524, datada de 8 de julho de 1914, apresenta a imagem do sujeito ladrão como a pessoa pobre, sem posses, proveniente da camada social mais baixa, dada a utilização do substantivo “typos” e do adjetivo “infestada”. E é notável que a notícia utiliza o termo “infestada”, na frase “A cidade acha-se infestada desses typos [...]”, produzindo, assim, um efeito de sentido pejorativo para a figura do agente de crimes. **De acordo com a perspectiva de Michel Pêcheux (1997), o discurso opera por meio de deslocamentos e transferências metafóricas. Na notícia, ocorre um deslizamento do discurso médico-sanitário para o discurso social resultando mais uma vez na desumanização do sujeito.** Ao analisar a correspondência do termo infestação<sup>4</sup> com a ‘invasão de um local por parasitas, geralmente de pequeno tamanho’ e ainda pelo conceito de ‘presença indesejada de pragas’, é possível construir a imagem do ladrão como uma pessoa que vive por sugar, incomodar e fazer mal a outras pessoas, já que o autor do texto os relaciona ao vocábulo “parasita”, ou seja, trata-se de pessoas sem importância, pequenas e que importunam seriamente a sociedade. **Sob a ótica de Eni Orlandi (2001), esse processo de animalização e patologização do outro revela a força da ideologia no interdiscurso: ao transformar sujeitos marginalizados em ‘pragas’ ou ‘parasitas’, o discurso apaga a dimensão humana e socioeconômica da pobreza.** Seguimos, então, para a quarta notícia, a segunda do mês de julho de 1914:

<sup>4</sup> O termo é apontado por Figueiredo (1913, p. 1088) como o “Acto ou effeito de infestar.” O termo “Infestar”, por sua vez, é definido por esse mesmo dicionarista como “Ser infêsto a; assolar; invadir, devastando..”

Transcrição de notícia do dia 13 de julho de 1914, do Jornal A Tarde – Nº 528

**Jornal A TARDE**  
**Numero 528**  
**BAHIA, 13 de Julho de 1914**  
**Segunda-Feira**  
*Na Policia e nas ruas*  
**Ladrão de galinhas**

A' esta hora adiantada da <<civilização>>, um gatuno de galinhas é um caso para vaia...

Pois, o Manoel Ignacio, desmoralizando a arte, ridicularizando o officio, penetrou n'uma roça ao caminho do Rio Vermelho e encheu um sacco de frangos e um gallo!

Na ocasião, em que regressava, ao saltar o muro, o civil 102 sapecou-lhe a mão com um tiro.

Bem feito.

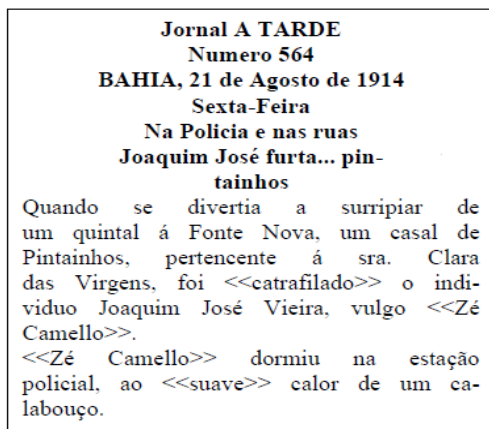
No que se refere à notícia de número 528, de 13 de julho de 1914, é produzido um efeito de sentido específico para o crime de roubo de galinhas: o de um delito grave que legitima a punição violenta e sumária do infrator. Isso se evidencia quando o sujeito é baleado, sem direito à defesa, e o texto é encerrado com a expressão justiceira “Bem feito”. Tratou-se de um crime que, como a maioria, aconteceu supostamente na calada da noite, conforme sugere a ironia do trecho inicial, que relata: “A’ esta hora adiantada da <<civilização>> [...]”. A formação discursiva contemporânea, no que diz respeito a um roubo de frangos, como é o caso da notícia em questão, implica um sujeito vítima da vulnerabilidade social ou da pobreza; em contrapartida, as condições de produção discursiva de 1914 construíam o “larápio” como um criminoso perigoso, o que justificava o uso da força letal aos olhos da imprensa da época.

Nessa notícia, é possível perceber que, no início do século passado, não havia reflexão acerca dos motivos pelos quais determinados acontecimentos se sucediam ou determinada pessoa roubava alguma coisa. Ao que parece, era somente uma ideologia de poder voltada para a classe dominante.

Como já colocado neste artigo, o jornalista escrevia as notícias da época, tendo em vista uma sociedade leitora que em sua maioria era masculina e de classe média a alta. Ou seja, ao que se registra na notícia, os valores que regiam a sociedade ou a maioria dos grupos sociais, eram aqueles ligados às camadas abastadas da sociedade e o sistema de ideias, valores e princípios abrangia a vingança e a punição como algo justo diante do que foi feito, sem qualquer reflexão. E mesmo sendo uma notícia, havia emissão de opinião por parte do

jornal, a qual seguramente influenciava o público leitor, como se registra no trecho “caso para vaia...”. Ou seja, em se tratando de um meio de comunicação jornalístico, a noção de imparcialidade também não fazia parte do sistema ideológico da época, possibilitando ao próprio autor da notícia o julgamento do executor do roubo. A seguir, a quinta notícia, sendo a primeira do mês de agosto de 1914:

Transcrição de notícia do dia 21 de agosto de 1914 do Jornal A Tarde – Nº 564



A notícia de número 564, datada de 21 de agosto de 1914, utiliza o eufemismo, uma figura de pensamento, portanto, uma figura de estilo, para amenizar, ao menos em palavras, a punição do agente de crimes mencionado, quando caracteriza o local da prisão como “<<suave>> calor de um calabouço”. Além do recurso retórico do eufemismo, podemos afirmar que a ironia também se faz presente nessa expressão, pois, ao utilizá-la, o autor da notícia, o jornalista, vale-se dos sentidos produzidos pelo eufemismo para ironizar a situação na qual se encontra o agente de crimes e assim dá um sentido de vingança concretizada, ou seja, o mesmo foi punido pelo mau que realizou.

A palavra “catrafilado”<sup>5</sup>, segundo o dicionário *on line* Dicio, é de uso informal e tem como significado “Ficar preso ou encarcerado”. Novamente a escolha lexical informal imprime, ao leitor, descredibilidade ao agente de crimes, reforçando sentimentos de desprezo para com o referido indivíduo.

Finalmente, o sujeito ladrão nesta notícia, é aquele que, como na formação discursiva atual, recebe um nome de guerra para ser melhor identificado (Zé Camello). O roubo de filhotes de galinha, os pintainhos, recebeu a mesma importância que os roubos de maior valor financeiro. Este tipo de roubo, provavelmente, é realizado pelo sujeito ladrão de classe

<sup>5</sup> Figueiredo (1913, p. 396), em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, registra o verbete “catrafilar” como sendo um termo popular e o define como “Agarrar; prender; encarcerar.”.



social baixa, ou seja, pobre, porém, com a dada punição, representando perigo para a sociedade.

Depreendemos que o autor da notícia, mais uma vez, parece não se importar com a provável fome ou falta de subsistência que fez com que o referido homem roubasse um casal de pintainhos, e isso fica claro através das escolhas das palavras impressas na notícia, as quais imprimem um tom de ironia e satisfação com o desfecho ocorrido, a saber, o verbo “divertia” e o adjetivo “suave”.

A seguir a última notícia que compõe essa análise, a segunda do mês de agosto de 1914:

Transcrição de notícia do dia 31 de agosto de 1914, do Jornal A Tarde – Nº 572

**Jornal A TARDE**  
**Numero 572**  
**BAHIA, 31 de Agosto de 1914**  
**Segunda-Feira**

**O Presidio é um navalbista de força**  
 O Presidio Pinto, pelas suas muitas façanhas e desordens, bem merecia ir morar num local que o seu nome bem define.  
 Hontem, á tarde, fez mais uma das suas diabruras, trazendo em polvorosa a rua das Laranjeiras, com uma navalha em punho, a querer ferir Deus e o mundo.  
 O guarda civil 76, de serviço naquella via publica, remetteu o Presidio para a cafiá.

De acordo com Fiorin (2023, p. 70), “a ironia é um tropo em que se estabelece compatibilidade predicativa por inversão, alargando a extensão sêmica dos pontos de vista coexistentes e aumentando sua intensidade”. Então, em relação a esta notícia de número 572, da data de 31 de agosto de 1914, observamos já no início a ironia empregada pelo autor do texto, ao utilizar o termo “façanha” para nomear as ações do sujeito que cometeu “desordens” e “diabruras”, mais duas palavras também utilizadas pelo jornalista e escritor da notícia que, deste modo, estabelecem a ironia na notícia. Atribuímos a ironia a este uso, tomando mesmo como base Ferreira (2010, p. 908), que bem define o termo “façanha” como “1. Ato heroico; proeza. 2. Coisa admirável, notável ou difícil de executar.”, e concordamos, pois, que as ações do sujeito em questão na notícia, estão bem distantes de serem atos heroicos ou coisas admiráveis. E o próprio Ferreira (2010, p. 908) também traz a definição de “façanha” em sentido irônico: “3. Irôn. Ação má, perversa ou indecorosa.”

Percebemos, ainda, nesta notícia de agosto de 1914, novamente o uso de termos informais, a saber, a palavra *cafua*<sup>6</sup> que significa, segundo o dicionário on line Dicio, “caverna, antro, fuma”. Isto nos remete à ideia de associar o agente do crime a um animal perigoso e que deve ser confinado ou afastado.

Tratando-se do termo “navalbista”, encontrado exatamente com esta grafia na notícia, percebemos, pois, que seria “navalhista”, ao observarmos o trecho da notícia que diz “com uma navalha em punho”. Provavelmente, dado o uso da máquina linotipo, podemos imaginar um possível erro de datilografia, já que as letras b e h se encontram bem próximas no teclado da referida máquina.

Inicialmente, como já explanado nos parágrafos das seções anteriores, este jornal tinha como público leitor as classes socioeconômicas baianas de média a alta. Desta maneira, os termos utilizados para descrever os agentes de crimes no estado da Bahia eram comuns a este público leitor. Ou seja, como foi possível verificar nos trechos analisados das notícias do início do século XX, a linguagem informal e popular do jornal *A tarde* atendia a esta população e, assim, era compreendida por seus leitores.

Sendo o jornal *A tarde* um veículo de informação e, conseqüentemente, um formador de opinião àquela época, como ainda o é atualmente, o mesmo contribuía para a formação do pensamento coletivo dessa camada da população, colaborando para a constituição dos valores da população a respeito do agente de crimes.

Com o tempo, o jornal *A tarde* passa a utilizar uma linguagem mais técnica e formal para esse público leitor. Termos como “larápios” e “gatunos” para definir agentes do roubo/furto foram desaparecendo ao longo das edições publicadas. Juízos de valor como “bem feito” também foram excluídos dos textos das manchetes. Estas alterações, dentre outros fatores, muito se devem às mudanças no pensamento coletivo e às mudanças nas leis que regem a sociedade brasileira. Além disso, a busca por credibilidade e imparcialidade passa a ser o critério decisivo para o jornalismo brasileiro das décadas seguintes. Podemos confirmar tais mudanças com relação à linguagem a partir das manchetes atuais:

**Figura 5** – Capas do Jornal *A Tarde* de 21 de maio de 2025 e de 22 de novembro de 2012

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cafua/>. Acesso em: 06 jun. 2025.



Fonte: <https://www.vercapas.com.br/capa/a-tarde/>. Acesso em: 05 dez. 2025.

De 1914 para 2026, as práticas de leitura sofreram profundas modificações motivadas pela revolução no acesso à cultura escrita. Se no início do século XX a leitura era um ato restrito às elites e centralizado no suporte impresso, no século XXI a leitura se transformou em uma atividade de massa, expandindo-se para o meio digital e tornando-se hiperconectada. Nesse cenário, o perfil do leitor se diversificou: além de homens de médio e alto poder aquisitivo, as mulheres, as crianças e as classes populares passaram a ocupar esse espaço. Ademais, nas últimas décadas, os audiolivros ampliaram a inclusão e a conveniência desse hábito, garantindo acessibilidade a pessoas com deficiência visual e permitindo o consumo de literatura de forma concomitante às tarefas diárias.

Essas amplas oportunidades de acesso à cultura escrita trouxeram diferentes desdobramentos político-sociais. Dentre eles, destacamos: **a)** a autonomia de escolha, visto que o leitor detém maior capacidade para realizar a própria curadoria; **b)** a construção do pensamento crítico, pois o leitor pode cruzar diversos pontos de vista e consolidar seu conhecimento por meio de múltiplos textos; e, por outro lado, **c)** a fragmentação e a superficialidade do ato de ler, fenômeno que afasta o sujeito leitor do suporte impresso e da

leitura linear, frequentemente interrompida por notificações digitais. Nesse último caso, cabe às agências de letramento<sup>7</sup> e, sobretudo, ao próprio leitor desenvolver ações individuais e coletivas a fim de equilibrar esses dois polos, o reflexivo e o superficial, o que implica uma formação sólida e crítico-reflexiva em detrimento de uma postura passiva e alienada.

Assim, considerando as mudanças ao longo do tempo, as exigências de padrões estabelecidos socialmente, os estudos e as discussões, vemos, portanto, que a linguagem foi modificada para atender a um público mais exigente, com pensamento crítico mais apurado, um público leitor que não toleraria uma linguagem considerada vulgar ou preconceituosa. Entretanto, o grupo A tarde possui outras publicações de jornais que visam atender ao público mais popular, ou seja, visa atender às camadas de menor poder aquisitivo da população baiana. Um exemplo desse tipo de publicação jornalística aparece nas imagens a seguir oriundas da reportagem de capa do jornal Massa! pertencente ao grupo A tarde.

**Figura 6** – Capas do Jornal Massa! de 15 de janeiro de 2026 e de 12 de novembro de 2025



Fonte: <https://www.instagram.com/jornalmassaoficial/>. Acesso em: 16 jan. 2026.

Podemos constatar que a linguagem informal e a ironia um tanto quanto vulgar se perpetuam nos jornais para o segmento mais popular da Bahia. Não há preocupação em manter termos técnicos e linguagem formal, indicando que o grupo A tarde entende que esta linguagem atende às camadas mais carentes da população baiana. Significa dizer que, como é visível, o jornal A tarde nasce popular no início do século XX, altera sua linguagem para

<sup>7</sup> O conceito da escola como a principal agência de letramento foi cunhado originalmente por Kleiman (1995).

atender às demandas de uma sociedade em ascensão com relação aos valores e conhecimentos, entretanto, o jornal *A tarde* se mantém popular através de outros títulos, como o jornal *Massa*!

Outro ponto importante a se destacar sobre a linguagem, repousa no uso dos nomes próprios, o que não se registra dessa forma hoje em dia nas notícias, devido à manutenção do sigilo e da preservação da imagem das pessoas. Atualmente, a depender da situação, do risco e da autorização dos envolvidos e da justiça, há critérios para que os nomes sejam divulgados. Sendo assim, verificamos nas notícias de 1914 que a imprensa não tinha preocupação com a preservação da imagem, a imparcialidade e a ética, posturas que se confirmam com o que Pêcheux (1997) assevera em sua teoria, que as palavras devem ser analisadas de acordo com as condições de produção, o que abrange os elementos extralinguísticos presentes no discurso.

## 5 Palavras Finais

Diante das notícias apresentadas neste artigo, é possível compreender que as mesmas são discursos narrativos propagadores de ideologias, pois, dadas as escolhas discursivas e, portanto, lexicais do jornalista, relatam acontecimentos, citam agentes envolvidos e produzem efeitos de sentidos que correspondem a formações discursivas relativas à época dos acontecimentos.

Nos exemplos das notícias que foram apresentadas, ficou evidente a formação ideológica das ações de roubo da segunda década do século XX, como sendo aquelas que pela simples tomada de qualquer objeto importante ou não, já se constituía como um fato significativo a ser noticiado, e que determinava as formações discursivas do sujeito agente de crimes. Com isso, observamos que o sujeito ladrão era caracterizado como pessoa perigosa, cruel, insensível, invasora, parasita, pobre e sem importância para a sociedade. Ou seja, a alusão que era feita residia em um indivíduo que incomodava profundamente a sociedade da época, cabendo a esta somente puni-lo e afastá-lo sem cobrar dos entes públicos qualquer ação de ressocialização.

Relembrando o que disse Pêcheux (2009) sobre a ideologia e tendo em mente que esta interpela os indivíduos em sujeitos de tal forma que estes não percebem que estão sendo inseridos em certos lugares sociais, é possível notar como os agentes de crimes citados nas notícias do início do século XX assumem o papel de sujeitos à margem da sociedade,

adquirindo formações discursivas, as quais, muitas vezes, adquiriram sentidos outros conforme notícias de roubo dos jornais escritos da atualidade.

Finalmente, destacamos o papel da imprensa da época que se diferencia da imprensa atual em aspectos ligados à preservação da imagem, à imparcialidade e à ética. Mesmo sabendo que diversas agências de notícias podem ter tendências políticas e ideológicas na atualidade, as mesmas parecem prezar por manter um padrão ético e social, visto que, atualmente, de acordo com determinados sistemas ideológicos vigentes no século XXI, algumas colocações citadas e analisadas nas notícias do jornal A Tarde de 1914, levariam à descredibilidade do jornal em análise.

Ademais, o presente trabalho buscou trazer ao leitor uma análise do discurso em notícias baianas do início do século XX e procura a este, demonstrar que, através do uso da linguagem e das condições de produção do discurso, o autor do texto, no caso aqui, o jornalista que escreve a notícia, influencia fortemente a visão que o leitor terá do fato, por conseguinte, afeta decisivamente sua opinião sobre o roubo à época. Ou seja, em 1914 ou nos dias de hoje, as escolhas discursivas na construção das notícias acabam por guiar o leitor com relação às suas escolhas ideológicas diante da visão dos fatos e ideias que o mesmo adquire através da imprensa e da mídia em geral.

Sendo assim, o que objetivamos com este trabalho foi evidenciar ao leitor que mais do que analisar, é preciso compreender que, como afirma Orlandi (2005, p. 11), “O dizer está, pois, ligado às suas condições de produção” e que “Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade”.

Por fim, pretendemos, com o presente labor acadêmico, contribuir para, como assevera Orlandi (2005, p. 10), a Análise do Discurso como “[...] um dispositivo que permite analisar a textualização do político, o que é um passo importante na compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder”. Acrescentamos, ainda, que o *corpus* utilizado para o desenvolvimento de nossa pesquisa, poderá ser explorado de modo a que outras vertentes dos estudos linguísticos possam ser estudadas.

## Referências

ALTMAN, Max. Hoje na história: **1886** – inventor alemão Ottmar Mergenthaler cria o linotipo. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/4043/hoje-na-historia-1886-inventor-alemao-ottmar-mergenthaler-cria-o-linotipo>. Acesso em: 20 jan. 2024.

APOLINÁRIO, Paulo Henrique. Forma-jornalismo: práticas e discursos. **In Revista**. v. 14. n. 1. p. 1-15. Ribeirão Preto, 2022. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/view/2729>

CYRRE, Magda Regina Lourenço. Reflexões sobre o discurso jornalístico: contribuições para interpretação. **Revista Entrelinhas**. v. 7. n. 1. p. 42-52. São Leopoldo – RS, jan-jun 2013.

DICK, Sara Martha. A expansão do ensino secundário na Bahia (1942-1961). **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 59, p. 310-327, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2020.v29.n59.p310-327>

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa – Portugal: Livraria Clássica Editora, 1913.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2023.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: HAK, T; GADET, F. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 30.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Mapa do Analfabetismo no Brasil. **Ministério da Educação**, 2021. pág. 9. [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/mapa\\_d\\_o\\_analfabetismo\\_do\\_brasil.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf)

JORNAL A TARDE. Ano II. Junho de 1914.

JORNAL A ATARTE. Ano II. Julho de 1914.

JORNAL A TARDE. Ano II. Agosto de 1914.

KLEIMAN, Angela Bustos. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LIMA, Déborah Kelman. **O Banquete Espiritual da Instrução: o Ginásio da Bahia**, Salvador: 1895-1942. Dissertação apresentada ao Mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FFCH da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2003.

LUCENA, Felipe Casado de. Posição-sujeito e discurso do cotidiano no jornalismo popular. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Francisco Vieira da. Orgs. **Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados da Análise do Discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 135-149.

MARQUES, Ester. **Estruturas do discurso jornalístico**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0528-1.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2024.

NUNES, Fabiana Glória Costa. A evolução da edição gráfica. **Soletras**. Ano X. n. 19. p. 45-54. São Gonçalo – RJ, jan-jun 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Michel Pêcheux e a Análise de discurso**. Disponível em: <<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-166.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: HAK, T; GADET, F. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 314

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1997].